



Teorias e práticas do cuidado nos estudos comparados de Helena Hirata

HIRATA, Helena. *Le care, théories et pratiques*. La Dispute: Condé-en-Normandie, 2021.

*Regina Stela Corrêa Vieira*¹

* * *

A relevância e atualidade dos estudos do cuidado ganharam atenção global na pandemia da Covid-19, em face da premente necessidade de atendimento das vulnerabilidades humanas escancaradas por um vírus ainda desconhecido. Entretanto, a temática não é nova na teoria feminista, tendo-se desenvolvido frente à constatação de um duplo fenômeno: pressão demográfica gerada pelo envelhecimento populacional e sedimentação do espaço das mulheres no mercado de trabalho assalariado, reduzindo o tempo que dedicam às atividades domésticas socialmente designadas a elas. Partindo das construções feministas em torno das noções de divisão sexual do trabalho, do trabalho produtivo e reprodutivo, das noções de público e privado, os estudos do cuidado sedimentam-se a partir dos anos 2000 no mundo anglo-saxão, na Europa e na América Latina.

No epicentro da construção acadêmica sobre o tema no Brasil está Helena Hirata, que em 2021 lança o livro autoral *Le care, théories et pratiques*. A publicação consolida uma década de dedicação de Helena às reflexões sobre o cuidado como trabalho, em um entrelaçamento entre teoria do cuidado e práticas do cuidado, apresentadas a partir de suas pesquisas de campo com cuidadoras de idosos em três países: Brasil, França e Japão.

¹ Professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Pesquisadora do Núcleo Direito e Democracia do CEBRAP; Bacharel, Mestre e Doutora em Direito pela Universidade de São Paulo.

A publicação preocupa-se em revisitar os conceitos e teorias basilares do cuidado – sendo, portanto, uma excelente introdução para quem ainda não está familiarizado com a temática –, ao mesmo tempo em que aprofunda as pesquisas e reflexões da autora em torno do trabalho de cuidado e das relações de gênero, permitindo à(ao) leitor(a) mergulhar nos estudos do cuidado tanto em sua dimensão sociopolítica e macroeconômica, quanto em sua dimensão relacional, no escopo da subjetividade e das emoções.

No livro, Helena Hirata aborda trabalho do *care* e a compreensão da dinâmica das profissões ligadas ao cuidado de pessoas idosas dependentes. Como eixo transversal aos debates propostos estão as comparações internacionais, que a autora amarra com destacada riqueza e esmero, em um esforço que ela mesma nomeia como artesanal. Afinal, Hirata transita de forma singular pelos países estudados, uma vez que nasceu no Japão e viveu no Brasil dos 5 aos 24 anos, até que precisou mudar-se para França como refugiada política da ditadura militar brasileira.

Essa linha transversal permite o adensamento das análises apresentadas pela autora sobre as relações de cuidado. Chama a atenção, como primeira problemática de destaque na obra, as mudanças na economia do trabalho, a terciarização e o crescimento de um mercado de serviços de *care*. Logo, as comparações internacionais revelam como cada país responde às questões do envelhecimento populacional e funcionamento do mercado de trabalho. Para Hirata, a atualidade do cuidado está ligada à concentração da força de trabalho no setor de serviços, tendência que engloba uma maior exploração das atividades de cuidado, exercidas predominantemente por mulheres, e a *taylorização* do trabalho no setor terciário. Um interessante indicador dessa centralidade é o aumento de homens no setor de cuidado no Japão, revelado pela autora, o que dá pistas sobre os rumos do mercado de trabalho e as pressões geradas pelas crises sistêmicas e o crescente desemprego.

Uma segunda problemática trazida por Hirata são as diferentes definições e experiências do cuidado, que variam não só entre os países estudados, mas também por marcadores sociais. Ela destaca a relação entre cuidado e desigualdades, pois gênero, raça e classe têm uma imbricação

particularmente visível no trabalho de cuidado. Pensando nas experiências registradas na pesquisa de campo, foi constatada discriminação e racismo na contratação e na relação de emprego, havendo estigmatização e inferiorização dessas trabalhadoras – no caso da França, a xenofobia é muito presente; no caso brasileiro, a discriminação étnico-racial e o regionalismo.

Um terceiro ponto de grande relevância é a desvalorização do trabalho de cuidado. Nos três países as trabalhadoras do *care* possuem extensas trajetórias de informalidade, o que se soma à precariedade ligada aos baixos salários e ausência de proteção social. O não reconhecimento social do cuidado no Brasil é marcado pelo gênero, a raça e a classe, que excluem uma parcela significativa da população feminina do mercado formal e do acesso à qualificação. No caso da França, são discriminações institucionais que tiram trabalhadoras menos qualificadas – ou com diplomas não franceses – dos setores mais valorizados da saúde e de postos mais altos. Em ambos os casos, a articulação entre vida pessoal e profissional marca itinerários das mulheres e as restringe aos trabalhos de cuidado. Já no Japão, a crise econômica fez com que os homens migrassem para o setor do cuidado, conseguindo maior reconhecimento e ascensão dentro do ramo pois “escapam” da naturalização que desvaloriza o trabalho de cuidado executado por mulheres.

A quarta problemática é a centralidade do trabalho das mulheres nos arranjos do cuidado, tanto no Norte quanto no Sul globais. Hirata demonstra que as mulheres são as principais responsáveis por essas atividades, ainda que cada país possua configurações próprias de provimento de cuidado: na França destaca-se o investimento estatal em políticas públicas para cuidado de idosos dependentes, por meio de transferência de renda (APA); no Japão o cuidado ainda é concentrado nas famílias, especialmente nas mulheres, ainda que o governo tenha criado um seguro para cuidado (LTCD); no Brasil as relações sociais são centrais no cuidado, incluindo a vizinhança e as redes de ajuda, sendo as famílias e as trabalhadoras domésticas as provedoras principais do cuidado, o que varia de acordo com a renda.

A obra está dividida em quatro capítulos, além do Prefácio de Evelyn Nakano Glenn e do Posfácio de Danièle Kergoat, a quem o livro é dedicado.

No primeiro capítulo, chamado “*Care, enjeux théoriques et sociaux*”, Hirata analisa os desafios do cuidado na atualidade, apresentando as teorias, definições e controvérsias desse campo de estudo, já delimitando suas próprias compreensões e posicionamentos a respeito do *care*. Ela nos apresenta seus pontos de partida, sendo eles a interdependência humana, a necessidade de mudar o estatuto precário das(os) trabalhadoras(es) do cuidado e o fato de que as demandas por cuidado são globalizadas. Também aborda as controvérsias no debate francês sobre o tema, como as divergências quanto à extensão do conceito e a relevância dos afetos para as relações de cuidado. Ao final, situa o cuidado dentro do quadro de desenvolvimento de uma sociedade de serviços e revela a centralidade desse debate para fins de análise do mercado de trabalho.

No segundo capítulo, “*Une recherche comparative sur le travail du care*”, são apresentados os principais aspectos do estudo comparativo no Brasil, França e Japão, visando a compreender as diversas configurações do cuidado em cada sociedade. Destaca a variedade de modalidades de organização social do *care* de acordo com o contexto nacional, ao mesmo tempo em que revela as formas comuns de desvalorização do *care* e de tratamento dos seus sujeitos. Como resultados, evidenciam-se reflexos da divisão internacional do trabalho no cuidado, a ausência de um quadro estruturado de políticas de cuidado de pessoas idosas no Brasil e pontos de similitude entre os modelos – o não reconhecimento do valor do trabalho de cuidado, os problemas de saúde, como lombalgias, e a similitude entre atividades desempenhadas por essas(es) trabalhadoras(es).

O terceiro capítulo, “*Mondialisation, travailleuses du care et migrations*”, Hirata examina a questão da crise do cuidado e das migrações de trabalhadoras(es) para exercerem essas atividades, mapeando consequências desse processo em termos de precarização do emprego e da divisão sexual do trabalho. Focando nas metrópoles Paris, São Paulo e Tóquio, a autora traça o perfil das cuidadoras entrevistadas na pesquisa. Verifica que nas três localidades são as pessoas mais vulneráveis que se tornam prestadoras de cuidado, muitas das quais possuem trajetórias de migração, seja interna ou

internacional, o que contribuiu para uma precarização dos itinerários profissionais. Refletindo sobre os impactos da globalização nessas dinâmicas, constatada a precarização dos postos laborais e o aumento nas cargas de trabalho para mulheres, seja remunerado ou não; o aumento na privatização do *care*, via refamilização ou da comodificação; e casos recorrentes de racismo e discriminação contra as cuidadoras.

O quarto e último capítulo, intitulado “*Trajectoires, activités et rapport subjectif au travail*”, realiza uma extensa análise dos resultados da pesquisa de campo e das entrevistas com cuidadoras(es) brasileiras, francesas e japonesas feitas por Hirata. Primeiramente, ela sistematiza informações sobre a nomenclatura e divisão das profissões de cuidado em casa país, as exigências relativas à qualificação e diplomas, bem como as faixas salariais. O cerne do capítulo são os relatos das trajetórias de três cuidadoras(es) em cada um dos países, detalhando seus diferentes perfis. A comparação indica que em todos eles o cuidado é uma ocupação pouco valorizada, com salários baixos e pouco reconhecimento social. A autora se debruça sobre as atividades concretas do cuidado, trazendo relatos diversos sobre a experiência do cuidado para as entrevistadas, mirando as múltiplas dimensões do trabalho de *care*.

Essas análises levam à parte final do capítulo, na qual ela aborda a subjetividade como dimensão estruturante do cuidado. Nesse sentido, as percepções das(os) cuidadoras(es) perpassam o “gostar” do seu trabalho, o discurso do “amor e afeto”, a necessidade de controle das emoções, o sentimento de culpa e o lidar com a morte. Por fim, Helena aborda a sexualidade como parte do trabalho de cuidado, chamando atenção para a relação entre subjetividade, corpo sexuado e emoções.

Hirata encerra a obra com suas conclusões acerca da necessidade de recuperar a centralidade do trabalho e de recolocar o cuidado no centro da reflexão para que se possa pensar em um processo de emancipação, de luta contra a exploração, a opressão e a dominação. Ela compartilha conosco utopias e aborda como ponto de convergência das lutas feministas a consideração do trabalho doméstico como trabalho. Assim, deixa-nos pistas

sobre os caminhos a seguir a partir das convergências das lutas das mulheres e de seu próprio exemplo enquanto teórica e militante.

As observações e diagnósticos apresentados por Helena Hirata abrem novas frentes de reflexões e questionamentos sobre os arranjos sociais do cuidado e sua conexão com a manutenção da vida humana. Um primeiro ponto que me chama atenção é o caráter financeirizado das políticas voltadas ao cuidado de idosos na França e no Japão, que são transferências de renda (em forma de assistência social ou seguro). É importante pensarmos em ações coordenadas que envolvam também o investimento público em equipamentos, de forma a garantir que uma parte do cuidado seja socializada e torne-se responsabilidade coletiva, não privada. Além disso, merece aprofundamento a correlação entre políticas de cuidado e de proteção social de forma ampla, incluindo segurança alimentar e saúde, que no Brasil estão intimamente ligados a programas sociais e à oferta de vagas em instituições públicas de cuidado. Diante da ameaça da fome e do aumento de crises climáticas, o cuidado mais do que nunca pode ser mobilizado para integrar os valores das sociedades e a concepção de cidadania.

Para encerrar, destaco apenas que se noções como “cuidado” e “cuidado como trabalho” são familiares às feministas brasileiras, muito devemos à Helena Hirata – a quem, aliás, devemos parte expressiva da difusão do pensamento feminista nos movimentos de mulheres e sindicais no Brasil. A mim, coube a honra de acompanhar ao menos um pouco de sua trajetória nos estudos do cuidado, começando pela disciplina ofertada à pós-graduação da USP em 2012 e chegando à leitura do livro sobre o qual me dedico nesta resenha.

Vale dizer que a referida obra integra uma série de livros sobre o tema recém-lançados por Hirata, em colaboração com a também referência na área, Nadya Araújo Guimarães: “O Gênero do Cuidado. Desigualdades, Significações e Identidades” (Brasil, 2020); “*El cuidado en América Latina: mirando los casos de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y Uruguay*” (Argentina, 2020); “*Care and Care Workers. A Latin American Perspective*” (Estados Unidos, 2021).

Recebido em 27 de setembro de 2021.
Aprovado em dez. de 2021